

**Carta de Carlos
Drummond de Andrade
a Alceu Amoroso Lima**

Augusto Massi

A publicação desta carta de Carlos Drummond de Andrade a Alceu Amoroso Lima¹ nos revela o quanto a mitologia pessoal do poeta permanece numa zona obscura. Mesmo após as comemorações do centenário de seu nascimento, quando houve um acréscimo significativo de livros, teses, correspondências, ensaios, mesmo com o aparecimento da primeira biografia, *Os sapatos de Orfeu*, de José Maria Cançado e de uma fotobiografia, inúmeros aspectos da vida e da obra do autor ainda nos reservam surpresas.

A simples existência desta carta aponta e problematiza um aspecto das pesquisas em torno da sociabilidade modernista. Em outras palavras, lendo os principais estudos consagrados ao poeta, não poderíamos imaginar que, pelo seu alto teor confessional, ela fosse destinada a Alceu Amoroso Lima. Embora o crítico literário Tristão de Athayde, a esta altura, já convertido em mestre Alceu, desfrutasse de imenso prestígio, seria natural que, pelos vínculos de amizade, tivesse sido endereçada a Mário de Andrade, Manuel Bandeira ou Pedro Nava.

Outro ponto a ser destacado é a quantidade de revelações que Drummond confia à pessoa de Alceu: história familiar, formação intelectual, “problemas freudianos” A carta, que certamente se destinava a compor mais um daqueles depoimentos de geração tão característicos do período, torna-se hoje um documento notável para quem quiser se debruçar sobre a atmosfera encaramujada da infância e a personalidade retorcida de Drummond. Através dela podemos decifrar certa gramática negativa tatuada para sempre no estilo lírico e irônico dos seus primeiros livros. **Penso** que é possível desentranhar do subsolo desta carta uma poética da confissão. Aqui entendida como criação de um mito individual, presente no *gauche* do “Poema de sete faces”, no “eu sozinho menino entre mangueiras/ lia a história de Robinson Crusoe” de “Infância” e no “hoje sou funcionário público” de

¹ Esta carta pertence ao acervo do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, em Petrópolis, Rio de Janeiro, e só pôde ser publicada graças à colaboração de todos os funcionários que trabalham nesta instituição. Além de uma biblioteca de 18 mil volumes, ela conserva 27 mil documentos, incluindo a correspondência de Alceu com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes e outros.

Agradeço também aos herdeiros de Carlos Drummond de Andrade, Pedro e Luís Maurício, que atenderam prontamente minha solicitação. Por fim, quero registrar um agradecimento especial a Fernando Nasser que publicou esta carta, em primeira mão, na revista *Vozes Cultura*, n. 4, julho-agosto de 1994.

“Confidência de Itabirano”. Esta mineração de corte reflexivo irradia-se por diversos gêneros, como os ensaios de *Confissões de Minas*, (1944), as cartas d’*A lição do amigo* (1982) ou o diário d’ *O observador no escritório* (1985).

Partindo de uma extrema mobilidade – entre a severidade do pai e a doçura da mãe, entre o rumo individual e as diretrizes do vasto mundo –, Drummond procura fixar uma mitologia pessoal. É como se à prosa especulativa, cética e auto-crítica de Montaigne fosse acrescida a descarga de negatividade das novelas, cartas e diários de Kafka: “Vou por um desvio, que é escuro e sem alegria, e não tenho certeza de chegar ao fim”. Talvez, por isso, a riqueza e a força dramática da carta é transfigurada em pequenez, materialidade, pobreza.

O terceiro ponto a ser reconsiderado é o grau de conhecimento que Drummond tinha das teorias freudianas. É fato que, a pedido do poeta, se publicou no terceiro número de *A Revista*, da qual era um dos diretores, uma tradução da célebre conferência de Freud sobre a descoberta do inconsciente. Ou seja, estamos diante de um autor razoavelmente familiarizado com expressões psicanalíticas que podem ser pinçadas aqui e ali: “infância de recalques”, “correntes subterrâneas”, “desejos não realizados” e “sob pena de suicídio ou loucura”. O exercício de reflexão, agudamente esboçado nesta carta, dará os seus melhores frutos na linguagem madura que vai de *José* (1942) a *Claro enigma* (1951), quando o poeta mergulha na “ciência do sangue” e penetra no território cifrado do romance familiar.

Belo Horizonte, 1-VI-931.

Caro Alceu

Tenho aqui o telegrama em que V., com extrema simpatia humana, se interessa pela minha atitude pessoal, em face dos caminhos propostos à gente de hoje. Para fixar essa atitude, eu devo contar a V. o que foi e é a minha vida, e vou fazê-lo com a sinceridade não de um depoimento, mas de uma confissão. A confiança, a amizade e o respeito que eu consagro ao seu alto espírito autorizam a intimidade dessa confissão, que é de algum modo, para mim, um desabafo.

Minha infância não tem nada de particularmente notável, a não ser a educação, que considero má, que me deram pais católicos muito amorosos ambos, porém um rude e outro fraco. Entre a severidade de meu pai e a doçura de minha mãe, eu estraguei a minha sensibilidade. Infância de recalques, sofrimentos, correntes subterrâneas. Aprendi desde cedo a viver para dentro, construindo o meu mundo porque não me adaptava ao de fora. Sentia-me fraco, ridículo, incapaz de ação. Estudos mal feitos: logo depois do curso primário, interrupção por doença. Uma primeira experiência em colégio de padres – seis meses, com boas notas – e voltei a minha cidadezinha natal, onde o médico recomendou novo repouso. Passei assim dois anos lendo jornais, revistas, um ou outro livro. Sem orientação. A esse tempo, já o problema sexual tomava em mim um rumo errado. Outra vez um colégio de padres. Nesse, fui por dois anos o aluno que trabalha, conquista prêmios, mas... qualquer coisa em mim indicava a anarquia, a insubmissão e a desordem. Acabaram me expulsando, por um pretexto frívolo e com grande humilhação para mim. Esse incidente influenciou desastrosamente no desenvolvimento de meus estudos. Solto em Belo Horizonte, sem guia, sem orientação, fracassei nos estudos preparatórios. Acabei matriculando-me num curso de farmácia, em que durante três anos eu fui o aluno sem convicção, que recebe um diploma porém nem pensa em se servir dele. Nesse intervalo casei-me. Foi um casamento de amor, precedido de uma larga experiência que nos deu a ambos um conhecimento integral um do outro. Sem emprego, sem coragem, voltei ao interior, onde fui alguns meses um vago professor e quase mergulhei na fazenda que meu pai me destinara e na qual coisa alguma me atraía. Chamado a Belo Horizonte para fazer jornal e, mais tarde, fazer burocracia, aqui fiquei. Minha vida, espiritualmente, não melhorou. Ela é cada vez mais desordenada. Não tenho nenhuma cultura. Tenho livros, quase tudo literatura de ficção, poesia, mas leio pouco e sinto mesmo dificuldade em ler. Escapam-me algumas humanidades essenciais. A curiosidade que sinto por certos estudos esbarra na falta de método, para empreendê-los. Literariamente, eu supus a princípio que devia orientar-me na prosa, que era em mim apenas o plágio de autores brasileiros insignificantes. Com o advento do modernismo fiz poesia e nela me fixei, como sendo a minha verdadeira expressão

literária. Com o tempo, verifiquei que meus versos são apenas a transposição de estados íntimos, quase sempre dolorosos, e hoje o que faço é só isso, apenas isso: confissão direta, ou quase, de mágoas, desvarios e desejos não realizados, reflexos dos fatos de minha vida sentimental. Quase não posso publicar esses versos porque, isso equivaleria a me mostrar nu no meio da rua.

Minha expulsão do colégio de jesuítas influiu também no sentido de acabar com toda a religião, e não era muita, que possuía do berço e de educação, mas já abalada pela irregularidade dessa educação e pelo abandono a mim mesmo em que sempre vivi, no domínio da alma.

Convicções políticas, filosóficas, estéticas, não as tenho. Nunca senti entusiasmo algum pelo modernismo. Hoje sou um *legionário* porque, embora não tenha a mínima ilusão sobre a origem, natureza e finalidade desse movimento, eu o considero mais interessante e sobretudo mais honesto do que a organização perremista do Estado. Sou, portanto, um legionário sem fé.

O que me preocupa, afinal de contas, é a solução de uns certos problemas *freudianos* que enchem a minha vida e dos quais eu tenho que me libertar, sob pena de suicídio (em que tenho pensado inúmeras vezes, mas sem a necessária coragem) ou de loucura, para a qual não é difícil encontrar exemplos em minhas origens. Como vê, coloco-me inteiramente à margem da discussão sobre as diretrizes que é dado ao homem contemporâneo escolher para o seu rumo pessoal. Vou por um desvio, que é escuro e sem alegria, e não tenho certeza de chegar ao fim.

V. talvez ficará decepcionado com a pequenez da minha angústia, a sua materialidade, a sua pobreza. Mas generoso e compreensivo como é, terá pena deste seu pobre amigo, que realmente o estima e admira, e lhe manda o mais afetuoso abraço.

Carlos

PS: Com a vida afobada que levo, não reformei em tempo a assinatura da *Ordem*. Faço-o agora, pedindo-lhe mandar-me os números deste ano, que não possuo. Com exceção do último, trazendo um artigo do Prudente sobre meu livro, que o seu primo José Amoroso me ofereceu.

C.